

OS ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE DO PORTUGUÊS NA UFBA: CAMINHOS DA DIALETOLOGIA E DA SOCIOLINGÜÍSTICA

Suzana Alice Marcelino Cardoso*

Resumo

Examinam-se as atividades desenvolvidas nos campos da Dialectologia e da Sociolingüística, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, dando-se relevo ao caráter pioneiro da Universidade Federal da Bahia nos estudos de Geolingüística, com a publicação do primeiro atlas lingüístico regional – Atlas Prévio dos Falares Baianos – e na implantação do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil.

Palavras-chave: *Língua Portuguesa. Dialectologia. Sociolingüística.*

Résumé

Présentation d'un bilan d'études sur la diversité du Portugais du Brésil réalisées à l'UFBA. Ces études font partie du programme de recherche du secteur de Langue Portugaise de l'Institut de Lettres et elles sont insérées dans la ligne de recherche "Diversité Linguistique au Brésil", du programme d'études doctorales en Lettres et Linguistique.

Mots-clés: *Langue Portugaise. Dialectologie. Sociolinguistique.*

INTRODUÇÃO

As atividades de pesquisa no campo da diversidade da língua portuguesa têm como marco, na Universidade Federal da Bahia, a chegada de Nelson Rossi, em 1955, convidado pelo Reitor Edgar Santos para ocupar a cátedra destinada a essa matéria. Nasce, assim, duas grandes linhas de pesquisa que, iniciadas cada uma no seu tempo, se desenvolvem, desde as respectivas épocas de implantação, sem sofrer solução de continuidade, nada obstante os diferentes momentos pelos quais tem passado a Universidade brasileira e dos quais tem resultado um maior ou menor apoio à

atividade de pesquisa, sobretudo na área das Humanidades e, especificamente, na das Letras. Implantam-se, assim, os estudos de Dialectologia, a partir de 1958, e na área da Sociolingüística a partir de 1969.

Direcionadas para o estudo da variação, seja na perspectiva exclusivamente diatópica, seja na perspectiva diatópico-social, a Dialectologia e a Sociolingüística, desde a sua introdução na Universidade Federal da Bahia, têm ocupado, no campo do ensino e da pesquisa, espaços continuamente ampliados.

No ensino de graduação, inicialmente, e com a implantação da Pós-Graduação em Letras também nesse nível, a Dialectologia e a Sociolingüística têm estado presentes com a oferta de disciplinas encarregadas de apresentar o histórico dos estudos em cada uma dessas áreas, principalmente, dos estudos em desenvolvimento no Brasil, de discutir questões teórico-metodológicas em geral e de despertar nos estudantes o interesse pela pesquisa a partir de dados empíricos, sistematicamente coletados e analisados.

A atividade de investigação científica, que se inicia também com a chegada de Nelson Rossi, tem-se constituído em ação continuada que se amplia, gradativamente, e em função das condições de trabalho que se oferecem a cada momento, e consistido no desenvolvimento de pesquisas de campo, na produção científica de diferenciada natureza, no conjunto de teses de concurso e de dissertações de mestrado dentro da temática, a que se acrescenta a realização de eventos voltados para essas áreas.

O estudo fundamentado em dados coletados com rigor científico tem sido, desde o início, uma constante e um compromisso do grupo. A essa característica junta-se uma outra, a da construção coletiva, a do trabalho em equipe, conjunto e coordenado sem descurar da individualidade de cada integrante, agregando-se, dentro das possibilidades, a presença e participação de estudantes de graduação e, posteriormente, de pós-graduação.

Essa filosofia de condução da atividade acadêmica é responsável por um primeiro passo no campo da pesquisa

* Professora adjunta da Universidade Federal da Bahia.

in loco e em grupo: a elaboração do trabalho *Comércio de ervas medicinais na Feira de Água de Meninos*. Trata-se do que se pode considerar – porque não há notícia de outro – o primeiro trabalho de pesquisa feito com estudantes de graduação na área das Letras na UFBA, apresentado em 1958 ao I Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia, realizado em Porto Alegre, de 1 a 7 de setembro, sob a coordenação de Nelson Rossi e com a colaboração de Nadja Andrade. Estava assim dada a largada para o trabalho em equipe, para a pesquisa de campo, para a investigação da variação dialetal.

OS ESTUDOS EM DIALETOLÓGIA

O conhecimento da realidade do português brasileiro vai, porém, ganhar ênfase numa trilha específica, a da Geografia Lingüística. Reconhecendo, como o fizeram outros dialetólogos brasileiros, que o início da atividade geolingüística no Brasil passava necessária e inicialmente pela execução de atlas regionais, Nelson Rossi, com a sua equipe de jovens investigadores já formada, empreende a concretização do atlas lingüístico da Bahia, dando início, em 1960, à coleta de dados em todo o Estado, do que vai resultar no *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)* publicado em 1963.

O Atlas Prévio dos Falares Baianos

Primeiro atlas lingüístico produzido em terras brasileiras, o *APFB*, que trouxe à Universidade Federal da Bahia o pioneirismo no campo da Geolingüística no Brasil, tem como autor Nelson Rossi e co-autoras Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensee. Recobre todo o Estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades, que se distribuem pelas diferentes áreas geográficas e culturais, treze das quais coincidentes com os pontos, num total de 30, sugeridos por Nascidos nas suas *Bases*.

O *questionário lingüístico* usado nas localidades da Bahia é de pouca extensão e tem um total de 179 perguntas (numeradas de 1 a 164, mas com algumas delas desdobradas em **a**, **b** e **c**), selecionadas a partir da aplicação de um questionário experimental de cerca de 3600 itens. Os informantes, em número de 100, contemplam ambos os sexos, são analfabetos ou com apenas os primeiros anos de escolaridade e filhos da localidade inquirida. Os investigadores do *APFB*, além do seu coordenador Nelson Rossi, foram 8 licenciadas recém-formadas que, ainda como estudantes, tiveram ampla formação, não apenas teórica mas também prática em Dialectologia e no método da Geolingüística.

O atlas constitui-se de um conjunto de 209 cartas, assim distribuídas: 198 cartas lingüísticas, 44 das quais são resumos das cartas fonéticas, e 11 cartas introdutórias que fornecem dados complementares de caráter geral. As cartas

lingüísticas vêm acompanhadas de notas que contêm ou o discurso dos autores ou o discurso dos informantes.

O Atlas Lingüístico de Sergipe

O segundo grande passo no campo da Geolingüística foi dado com o *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)* que, por dificuldade de financiamento, publicado somente em 1987, teve os seus originais prontos para impressão desde 1973. Foi executado pelo grupo de pesquisadores da Bahia, tendo como autores Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi.

O *ALS* dá mais alguns passos à frente na metodologia adotada no *APFB*, a saber:

a) Aplicação de *inquéritos preliminares*, gravados, nas 15 localidades que constituíram a rede de pontos. Esses inquéritos foram realizados por estudantes que concluíram os seus cursos de graduação em 1963 e 1964, com acompanhamento dos professores.

b) Maior amplitude do questionário definitivo em relação ao aplicado na Bahia: com cerca de 700 perguntas, nele incluídas as que compõem o Extrato de Questionário da Bahia, acrescidas de outras que os inquéritos preliminares em Sergipe sugeriram.

c) Formulação por escrito, no próprio questionário, da maneira de perguntar-se sobre o item, com o objetivo – alcançado – de garantir maior homogeneidade nos inquéritos, eliminando-se, assim, possíveis dificuldades no momento da exegese.

Os inquéritos definitivos foram realizados em 1966 e 1967 e perfazem um total de 150 horas de gravação. Desse material foi examinada, prioritariamente, a parte correspondente às cartas do *APFB* do que resultou um conjunto de 171 cartas lingüísticas, sendo 12 duplas – as cartas Bahia-Sergipe –, pois conjugam aos dados recolhidos em Sergipe os da Bahia que não foram cartografados no *APFB*.

O Atlas Lingüístico de Sergipe - volume II

Um terceiro passo no campo da geografia lingüística está sendo dado com o tratamento dos materiais de Sergipe ainda inéditos, analisados por Suzana Cardoso com vistas a se constituir no volume II do atlas de Sergipe. Contempla a área semântica *HOMEM* e prevê o controle em carta não só de dados diatópicos mas também de variáveis sociais além de trazer comentários às cartas.

O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil

Empreendimento de maior amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento, constitui-se no quarto amplo projeto no campo geolingüístico. Trata-se do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil, Projeto ALiB, que tem por meta a rea-

lização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à realidade da língua portuguesa. Desejo que permeia a atividade dialetal no Brasil, pelo menos desde 1952, ganha corpo nesse final de milênio, a partir de iniciativa do grupo de pesquisadores do Instituto de Letras. Mais uma vez a UFBA assume atitude pioneira ao empreender a concretização dessa proposta que se realiza como projeto conjunto que envolve mais quatro Universidades – Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Rio Grande do Sul e Universidade Estadual de Londrina.

Concebido como um projeto nacional, assenta-se a filosofia do Projeto ALiB numa base fundamental e necessária que precede à própria idealização do Projeto: a sua execução não vem de encontro aos atlas regionais nem se interpõe como obstáculo à continuidade de investida nessa dimensão geográfica. Ao contrário, é consensual o entendimento de que os atlas regionais foram e continuam sendo do maior interesse porque a eles compete penetrar mais densamente na realidade de cada rincão, perscrutando as particularidades da realidade cultural da área, atuando de forma extensiva e, também, mais intensivamente.

Foi, dessa forma, concebido um projeto, fundamentado nos princípios gerais da Geolingüística e atento às implicações de natureza social de que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar e direcionado para atingir 4 grandes objetivos: (i) a descrição da realidade espacial e, conseqüentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas; (ii) o fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna; (iii) a indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolingüísticos e os demais ramos do conhecimento, sobretudo trazendo elementos da língua que possam aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado; e (iv); por fim mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso mas dotado de uma unidade sistêmica.

O Projeto ALiB é coordenado por um Comitê Nacional constituído por um Diretor Presidente Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA), um Diretor Executivo – Jacyra Andrade Mota (UFBA) – e quatro Diretores Científicos – Maria do Socorro Silva Aragão (UFPb/UFC), Mária Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguiar (UEL) e Walter Koch (UFRS) –, indicados pela coletividade reunida no Seminário de 96 e com o seguinte critério na sua composição: contempla a representação de autores de todos os atlas publicados e de um representante dos atlas em andamento.

OS ESTUDOS EM SOCIOLINGÜÍSTICA

Ao lado dos estudos de natureza dialectológica, iniciaram-se, na UFBA, as pesquisas voltadas para os dialetos

urbanos, com a implantação, em 1969, do “Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC), introduzido no Brasil por Nelson Rossi, na época integrante da Comissão de Lingüística e Dialectologia Ibero-Americana (CLDI) do Programa Interamericano de Lingüística y Enseñanza de Idiomas (PILEI).

Dentro da perspectiva sociolingüística, vão-se implantar, posteriormente, outros projetos, coordenados por professores do Setor de Língua Portuguesa: “Diversidade lingüística e construção do sentido na realidade negro-mestiça da Bahia”, coordenado por Iracema Luíza de Souza e “Vestígios de dialetos crioulos de base portuguesa em comunidades afro-brasileiras isoladas”, coordenado por Alan Baxter (Universidade de La Trobe, Melbourne), que conta com a participação de Dante Lucchesi.

O projeto “Diversidade lingüística e construção do sentido na realidade negro-mestiça da Bahia” dá continuidade aos estudos realizados pela sua coordenadora para a tese de doutorado *La langue parlée à Salvador. La diversité linguistique et la construction du sens au sein de la réalité afro-bahianaise* e tem por meta o estudo de componetes sintático-semânticos do português afro-baiano.

O projeto “Vestígios de dialetos crioulos de base portuguesa em comunidades afro-brasileiras isoladas” entre as localidades sob estudo retomou Helvécia, situada no Sul da Bahia onde, em fevereiro de 1961, estiveram Carlota Ferreira e Tânia Pedrosa, inquiridoras do APFB, quando realizaram no ponto 50, Ibiranhém, os inquéritos para o atlas da Bahia, levadas pelo interesse de *apurar se eram verdadeiras as informações verbais de que existiam ainda, naquela área, vestígios de um falar crioulo na boca da população quase toda de negros* (FERREIRA et alii, 1994, p. 21).

O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC)

Implanta-se no Brasil, a partir de 1969, fundamentado no “Proyecto de estudio conjunto y coordinado de la norma lingüística urbana culta de las principales ciudades de Hispanoamérica y de la Península Ibérica, que se desenvolvía para o mundo de língua espanhola. De saída, Rossi considera que a realidade brasileira, diferentemente do que sucedia com os países de língua espanhola, exigia não só a exclusão da capital, a então recém-fundada Brasília, não representativa do ponto de vista lingüístico, como também indicava a inclusão de mais de uma capital. Assim, fugindo ao que se estabeleceu para o mundo hispânico – onde só as capitais foram objeto de estudo –, no Brasil foram tomadas cinco capitais – Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Do ponto de vista metodológico, o Projeto NURC se caracteriza pela seleção de informantes de nível universitário, distribuídos pelos dois gêneros e por três diferentes faixas etárias – 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 55 anos em diante. Para o levantamento de uma possível variação diafásica, que

se somaria às demais, o projeto previa quatro tipos de elocução:– em situação formal (EF), em diálogo entre informante e documentador (DID), em diálogo entre dois informantes (D2) e gravações secretas (GS). A últimas destas, por razões de política lingüística e em face da realidade brasileira à época da constituição do *corpus*, não foi adotada no Brasil.

O Projeto NURC em Salvador reuniu um *corpus* constituído de 360 inquéritos, com registro de 461 informantes – 58 em elocuições em situação formal, 201 em diálogos entre informante e documentador e 101 em diálogos entre dois informantes. A fase de constituição do *corpus* ocorrida entre 1973 e 1983, foi coordenada por Nelson Rossi, também coordenador nacional do Projeto NURC/Brasil em vários períodos. Quanto à análise de dados, o grupo do Projeto NURC/Salvador tem se voltado, principalmente, para aspectos morfossintáticos – pronomes pessoais – e fonético-fonológicos – vogais pretônicas e consoantes em coda silábica.

Diversos subprojetos, vinculados ao Projeto NURC, vêm sendo desenvolvidos no curso desse tempo:

- “A classe sintática dos pronomes: subsídios para uma gramática do português falado com base no *corpus* do Projeto NURC”, desenvolvido de 1980 a 1994;
- “Pronomes pessoais em marcadores conversacionais”, de 1993 a 1996;
- “O conteúdo dos pronomes pessoais sujeito na norma culta de Salvador”, DE 1996 A 1997
- “As vogais pretônicas em dialetos brasileiros, 1990 a 1998;
- “Consoantes implosivas na norma culta brasileira, de 1993 a 1998;
- “Consoantes fricativas em coda silábica”, em desenvolvimento;
- “Informatização do *corpus* do Projeto NURC/Salvador”, em desenvolvimento;
- “Estudo da variação em tempo real”, em desenvolvimento;
- “O léxico de Salvador: variação e mudança em tempo real”, em desenvolvimento.

A esses projetos enunciados, soma-se um conjunto de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado que se serviram do *corpus* do Projeto NURC/SSA.

PARA CONCLUIR

A produção do grupo de pesquisadores vinculados à investigação dialectológica e, na linha da Sociolingüística, ao Projeto NURC atinge a casa de trezentos trabalhos publicados – livros, capítulos de livros, artigos em revistas e jornais, teses de concurso, teses de doutorado, dissertações de mestrado e comunicações apresentadas em congresso e reuniões científica. – estão sendo reunidos num pequeno opúsculo que se encontra em fase de finalização.

Uma palavra, por último mas não em último lugar, diz respeito à presença de bolsistas na atividade de pesquisa desenvolvidas nesses dois campos.

A importância da participação de estudantes vem sendo comprovada não só pelo desempenho desses bolsistas junto aos programas financiadores, mas também pela sua participação em reuniões científicas e, principalmente, pela sua atuação como estudantes de pós-graduação, dando prosseguimento à iniciação científica que as bolsas e os orientadores lhes propiciaram.

Espero ter, assim, fornecido uma visão geral, ainda que sumária¹, da atividade no campo da Dialectologia e da Sociolingüística, desenvolvida no Setor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFBA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (Hélcia-Bahia). In: FERREIRA, Carlota et alii, *Diversidade do português do Brasil. Estudos de Dialectologia rural e outros*, 2ª ed. Salvador: Centro Editorial e didático, 1994, p.21-32.
- FERREIRA, Carlota; Judith Freitas; Jacyra Mota; Nadja Andrade; Suzana Cardoso; Vera Rollemberg e Nelson Rossi. 1987 *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.
- ROSSI, Nelson, Carlota Ferreira e Dinah Isensee. 1963. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura - Instituto Nacional do Livro.

¹ Informação mais ampla e completa está posta em artigo de Jacyra Mota & Suzana Cardoso, Duas vertentes da pesquisa em Língua Portuguesa no Instituto de Letras: Dialectologia e Sociolingüística, no prelo (a ser publicado em *Estudos Lingüísticos e Literários*).